

CRUZ *de*
PORTUGAL

JOSÉ SEQUEIRA GONÇALVES



Era sempre assim...

Entrava em casa quase sem se dar por isso. O primeiro sinal era aquela tosse mal disfarçada que mais não servia que para nos informar da sua chegada. Era o seu toque de sentido. Chapéu no cabide, sobrecasaca na cadeira, corda no relógio de parede, e aí estava ele sentado na sua poltrona à espera da infalível chávena de café. Depois, era sacar da caixa de rapé e do *Silvense*, ou da *Ilustração*, e estava feito o programa da tarde. Adormecia pouco depois de ler as primeiras notícias, apesar de me jurar que *jornal mal lido era negócio perdido*. Só acordava quando a minha mãe o chamava para jantar.

Era assim o meu pai. Um homem calmo e senhor de si, conhecedor das coisas da vida, conselheiro de amigos e clientes, respeitado por todos quantos privavam consigo. Respeitado mas principalmente temido, disso não tenho dúvidas. Não que ele fizesse mal a alguém, posto que não era dado a violências, mas porque as suas palavras eram sempre a tradução directa daquilo que lhe ia na cabeça. Nunca rodeava um assunto, por mais complicado que fosse, e isso acabaria por lhe trazer grandes dissabores naqueles tempos agitados. As suas palavras tinham a precisão de uma arma disparada à queima-roupa, demolindo habilmente um por um todos os argumentos dos seus opositores.

O meu pai era provavelmente monárquico. Ou melhor, não era certamente republicano. Acho que, no fundo, não era nem uma coisa nem outra. Nunca o ouvi falar de política até àquele dia. Creio que era *neutral*,

com tudo o que isso possa querer dizer quando falamos do regime que nos governa. Porque algum regime teremos que ter, não é verdade? Se não temos um rei teremos que ter um presidente, e se não temos um presidente teremos que ter um rei. Aqui já ouvi ao Filósofo a palavra *anarquia*, que parece querer dizer que podemos não ter nem uma coisa nem outra. Seria essa a opinião do meu pai? Nunca lhe ouvi essa palavra nem qualquer outra sobre política. Até àquele dia.

Era um homem calmo, o meu pai, mas a sua calma transmitia uma estranha agitação à sua volta. Senti isso durante todos os dias de todos os anos em que vivi naquela casa. O seu tossir, o ruído da chave a dar corda ao relógio, o ranger da poltrona e, acima de tudo, o seu cheiro inconfundível, que eu me habituara a conhecer desde miúdo, funcionavam para mim como um misterioso despertador. Nada mais ficava como antes a partir do momento em que ele entrava em casa, apesar de se limitar a adormecer com o jornal no colo. Todos os meus pensamentos passavam por ele, como se só ele existisse naquela casa. Nunca me dirigia a palavra, mas a sua simples presença parecia esmagar-me como a um verme. A *Soneca*, a velha gata de estimação, desaparecia pela porta do quintal e só lhe púnhamos as vistas em cima na manhã seguinte, quando o meu pai saía para o trabalho.

Mas eu adorava-o. Precisava dele como do ar que respiro. Não me conseguia imaginar a viver sem ele, sem aquela segurança que a sua presença inspirava, sem aquele silêncio que parecia dizer mais que mil palavras. Daria a minha vida pelo meu pai sem hesitar.

A minha mãe não tinha a mesma opinião. Para ela, o meu pai era o seu marido. Respeitava-o, tratava-lhe da roupa, dava-lhe de comer, dormia com ele, mas não o *sentia* como eu. Não percebia os seus olhares mais discretos, os seus movimentos mais subtis, a magia que a sua simples presença transmitia. E por isso acabava por lhe fazer frente nos momentos menos oportunos, transformando aquela casa num vulcão prestes a entrar em actividade. Quando isso acontecia, eu tratava de correr escada acima, a refugiar-me no meu quarto, para não assistir àquelas discussões estéreis que me faziam tremer da cabeça aos pés — e que me traziam a ansiedade da espera pelo momento seguinte, o da reconciliação, quando um beijo furtivo conseguia apagar a ofensa das palavras sem sentido que nenhum deles teria querido dizer. E a casa mergulhava de novo no silêncio apaziguador que me ia dando forças para suportar tudo aquilo.

E foi então que aconteceu...

Passaram-se vários anos — quantos, seis, sete? — desde aquele momento glorioso em que tomei a decisão de descer as escadas. Ainda hoje, apesar de tantas voltas que a minha vida já deu, acredito que aquele foi o

meu único momento de verdadeira coragem. Descer as escadas e enfrentar o meu pai aos gritos...

Depois, aquilo. O olhar alucinado, as mãos fortes, o abraço traiçoeiro... Não sei se senti raiva, se medo, se perplexidade... Não sei se percebi nesse momento que a minha vida nunca mais seria a mesma, mas senti certamente que grande mudança estava para acontecer. Olhar o meu pai naquela figura foi como observar um fenómeno da natureza para o qual não encontramos explicação. Tudo me pareceu irreal. Os seus cabelos brancos pareciam esvoaçar ao vento, como um cavaleiro andante que corre a salvar a sua donzela em perigo. Os braços, agitando-se nervosamente de um lado para o outro, pareciam bramir espadas e punhais, desenhando no ar figuras fantasmagóricas que prenunciavam o fim do mundo. As palavras saíam-lhe da boca como labaredas, incendiando-me corpo e alma.

Não demorei muito tempo até perceber que o meu pai estava bêbado: o bafó que saía da sua boca era suficiente para me embriagar a mim se eu ficasse muito tempo na sua frente. Tomei consciência do drama que iria acontecer quando a minha mãe aparecesse, porque bebedeira era outra novidade naquela casa. Mas era tarde para fugir, o meu pai agarrava-me pelos ombros e abraçava-me. Como fugir a um abraço de um pai, principalmente quando se trata do primeiro abraço?

Se existe um momento nas nossas vidas em que deixamos de ser crianças e passamos a ser homens, um momento em que o que fica para trás, de bom e de mau, não parece mais ter qualquer importância, esse momento foi para mim o daquele abraço. Um abraço a cheirar a álcool, com palavras de fogo e punhais pelo meio, mas um abraço do tamanho do mundo. Durou, quê, um momento, pouco mais que um momento, mas senti que uma vida inteira me passou pelos braços quando apertei o meu pai contra mim. Desejaria ter ficado para sempre abraçado a ele, para não o deixar discutir com a minha mãe, para senti-lo do meu lado, para não o perder...

Mas o abraço terminou ao fim de um momento, pouco mais de um momento. O meu pai afastou-me de si, sempre com as mãos nos meus ombros escanzelados, e olhou-me, com aqueles olhos alucinados. Nunca os tivera tão perto dos meus, pareciam-me enormes. E então disse ele, com a voz dominada pela rouquidão:

— É agora, meu filho! A República vem aí!

Não recordo que coisas me terão passado pela cabeça quando ouvi aquelas palavras, tresandando a álcool. Mas sei que foi como se me tivessem dito que a porca do Ti' Jacinto tinha tido bácoros — que eu sabia não estar prenha. Devo ter ficado a olhar para ele com cara de idiota durante algum tempo, até ele me abanar os ombros escanzelados

e perguntar se eu não dizia nada. Que havia eu de lhe dizer?

— Vamos dar cabo desses *talassas* todos, vais ver!

Se *República* não era uma palavra totalmente estranha para mim (a minha mãe chamava *republicanas* às vizinhas de quem não gostava), *talassa* era certamente uma novidade. E comecei a ficar apreensivo por não compreender as razões que tinham posto o meu pai naquele estado. A sua bebedeira, a primeira a que eu assistia, era devida a *repúblicas* e *talassas*, coisas que não me diziam rigorosamente nada e que, no entanto, pelo abraço que recebera, deveriam ser as coisas mais importantes do mundo.

Nesse momento a minha mãe assomou à porta da cozinha, com um alguidar na mão. Tinha estado no quintal a tratar da roupa, por isso não ouviu a gritaria do meu pai. Para bem de todos nós. Mas a bebedeira não teria a mesma sorte. Olhou para nós sem compreender o que se estava a passar: as mãos do meu pai sobre os meus ombros devem tê-la posto em estado de choque. Estava ainda para ouvir as coisas incríveis que o meu pai tinha para contar.

Aproximou-se lentamente de nós, sempre com o alguidar na mão, e perguntou-nos o que se passava. Era chegado o momento da retirada, e juro que teria corrido pelas escadas acima se aquelas mãos não continuassem a agarrar-me com força, agora ainda com mais força. O meu pai sentia alguma dificuldade em equilibrar-se, o álcool não perdoava, e aproveitou o facto de me estar a agarrar para manter o equilíbrio. Olhou para mim, como que a pedir coragem — como se eu alguma vez lhe pudesse valer em matéria de coragem! —, respirou fundo e disse, sem olhar para a minha mãe:

— A monarquia vai cair. Estalou uma revolução em Lisboa.

Observei a expressão da minha mãe, numa tentativa desesperada de perceber alguma coisa do que se estava a passar. Mas a expressão da minha mãe não era mais esclarecedora do que o abraço do meu pai. Ainda que eu não o pudesse saber nessa altura, o silêncio que nasceu entre todos nós era já um prenúncio do que estava para acontecer nos tempos vindouros.

O meu pai quebrou o silêncio com algumas informações sobre os acontecimentos de Lisboa, mostrando estar muito bem informado. Os quartéis amotinados, as baterias da Rotunda a disparar para todo o lado, as forças monárquicas a darem sinais de cansaço. Tinha sabido tudo pelo Zé Mealha dos correios, apesar de as comunicações com Lisboa estarem cortadas. O Zé Mealha era o homem melhor informado de toda a cidade sobre o que se passava para lá e para cá do rio. Ou dizia que o era, o que para nós era exactamente a mesma coisa.

Foi nesse momento que compreendi que *república* significava mandar embora o rei. É certo que não fiquei mais esclarecido por isso, tendo em

conta que nunca tinha ouvido ao meu pai qualquer comentário, bom ou mau, a propósito do rei. A única pessoa que naquela casa falava no rei era a minha avó, quando lá ia aos domingos levar a sua torta de laranja. Dizia ela que ninguém devia morrer sem ter visto o rei pelo menos uma vez na vida, pelo que ela já podia morrer descansada — já o tinha visto uma vez durante uma viagem a Lisboa, por ocasião da festa da Nossa Senhora da Assunção. E ficara perdidamente apaixonada pelos seus cabelos loiros, pelo seu porte atlético, pela sua presença imponente. Esquecia-se, porém, que este seu rei, loiro e imponente, tinha ido desta para melhor dois anos antes, vergado pelas balas do Buíça. Ela nunca acreditou nisso.

Os meus ombros continuaram ainda durante algum tempo a servir de muleta ao meu pai, que não parecia ter forças para se equilibrar sozinho. O olhar fixado em mim, duro, impenetrável, um olhar que apesar de tudo se dirigia muito mais à minha mãe do que a mim próprio. E as palavras cada vez mais incompreensíveis a saírem-lhe como facas por uma boca já esbranquiçada pela secura do vinho:

— Agora é que é, meu filho! Agora é que vamos vê-los baixar a crista, esses *talassas* nojentos que nos têm dado cabo da vida! Agora é que é!

Agora é que é, meu filho... Que estranho ouvir pela primeira vez aquelas palavras que desejaria ter ouvido todos os dias, mas que nunca haviam sido pronunciadas naquela casa... Tinha sido necessária uma revolução — e uma bebedeira — para saber que elas existiam.

— Se for preciso agarro na minha caçadeira e vou lutar pela República! É só que seja preciso!

Nesse dia entrou em casa aos gritos...

É certo que eu deveria ter compreendido mais cedo que alguma coisa estava para acontecer. As revoluções nunca acontecem de repente. As pessoas estão descontentes, há que haver sinais de descontentamento, conversas aqui e ali sobre o que vai mal. Deveria ser assim. Eu nunca dei por esses sinais, provavelmente por ser muito jovem — ou por não estar familiarizado com esses assuntos em casa.

Também é certo que, uns dias antes, o meu pai denotava já alguma mudança no comportamento. Foi quando os corticeiros entraram em greve. Ele, que não tinha cortiça nem corticeiros, bramou contra a greve como se a greve o pusesse em perigo de vida. Interrompeu, mesmo, o silêncio do jantar para lançar o seu protesto: *Ou acabam com a malandra ou a guarda trata-lhes da saúde!* Não que se interessasse pelos corticeiros, que eram a escumalha da cidade, ao que parece — e deu o exemplo do Zé Macário, que arrenegara a própria mãe por causa de uns sobreiros que esta mandara arrancar. Mas o problema é que aquela coisa da greve era contagiosa, atrás da cortiça viria o pão e o azeite. Nunca mais poderíamos estar seguros do pão-

nosso de cada dia, o país seria irremediavelmente paralisado pelas greves, a guerra civil inevitável. E esclareceu que o culpado tinha sido um tal João Franco, que nessa altura tomei por um dos donos de alguma das corticeiras da cidade. Para mim, a greve dos corticeiros significara apenas o fim das sirenes que me indicavam a hora do almoço.

Naquele dia entrou em casa aos gritos...

...

Por muitos anos que viva nunca esquecerei aquele seu olhar alucinado, quase visionário, de quem descobriu a origem de todos os males do mundo e que conhece a respectiva cura. As suas mãos fortes nos meus ombros escanzelados... Aquele abraço desajeitado e inebriante que violou todas as normas da nossa relação, e que destruiu para sempre a harmonia daquela casa...

Sair do quarto e descer a escada quando o meu pai chegava a casa era algo que nem me passava pela cabeça, pelo simples receio de enfrentar o seu olhar. Fazia-me sentir culpado sem saber exactamente de quê. Encará-lo aos gritos, então, seria um acto de coragem, de uma coragem que não existia em mim. Descer as escadas e observá-lo naquela gritaria, eu que fazia sempre o percurso inverso quando a gritaria começava, seria como mergulhar de cabeça no vulcão em plena actividade.

Deitado na cama, com as mãos nos ouvidos na esperança de voar para longe dali, procurei uma explicação para a gritaria. Que naturalmente não encontrei, por nunca ter acontecido antes. O meu pai nunca entrara em casa a gritar. Era um homem calmo, aquilo não fazia qualquer sentido. Só gritava quando discutia com a minha mãe, e ali não tinha havido qualquer discussão. Outra vez os corticeiros? Mas que lhe importam os corticeiros? Que lhe importa o Zé Macário ou o João Franco? Não fazia sentido.

Meu filho, se for preciso vou lutar pela República... Meu filho...

E foi nesse momento que tudo acabou... O abraço, as mãos sobre os meus ombros escanzelados, as palavras tão ansiadas, tudo se desfez num ápice, quando o alguidar de roupa assentou sobre a mesa da entrada. A minha mãe ia falar.

Olhei para ela, supliquei-lhe em silêncio que não dissesse nada, que não destruísse o momento mais importante da minha vida. Era necessário que ela compreendesse. Mas a minha mãe não compreendia. Para ela, era mais importante a sua vitória — a vitória sobre um homem que a dominava, que era o cerne de todas as suas preocupações, um homem respeitado, temido e, desta vez, bêbado.

E a minha mãe falou:

— Nunca tinha dado por seres tão republicano.

Disse e sentou-se. Na poltrona dele.

Senti pela última vez as mãos do meu pai sobre os ombros, apertando com quanta força tinham. As mãos retiraram-se e foi como se uma parte de mim tivesse morrido para sempre. Com lágrimas nos olhos, observei as pessoas que me eram mais queridas a prepararem-se para o combate. O meu pai encostado à parede para não cair, a minha mãe sentada na poltrona. O estúpido do alguidar sobre a mesa.

Não tive coragem de subir as escadas. Ao fim e ao cabo, dessa vez eu também fazia parte do cenário. E as palavras em fogo começaram a saltar-me na frente dos olhos:

— Nunca tinhas dado por eu ser republicano? Mas que conversa é a tua, mulher?

A minha mãe impávida e serena, saboreando antecipadamente a vitória. Olhando o meu pai bem nos olhos.

— Quantas vezes te falei já no Afonso Costa, no António José de Almeida e nos outros todos? Quantas vezes te disse já que isto ia mal? Disse ou não disse?

Eu estava capaz de jurar que nunca aqueles nomes haviam sido pronunciados naquela casa, mas preferi acreditar mais na minha ignorância do que duvidar do meu pai, naquele momento. Para além disso, eu tinha estado três anos fora de casa, a estudar em Faro, e era natural que durante a minha ausência tivessem falado de alguma coisa. Mesmo que de pouco.

O meu pai ia insistindo nos seus argumentos, mas já sem grande convicção. Levantava os braços no ar, na esperança de dizer com os braços aquilo que lhe faltava nas palavras. A minha mãe não dizia nada, olhava-o, apenas.

— Vês? Eu sabia que isto um dia teria que mudar. E quando mataram o D. Carlos? Lembras-te? Lembras-te de eu ter dito que o filho não demoraria muito a seguir o mesmo caminho?

É claro que a minha mãe não se lembrava, e eu ainda menos, para já não falar da minha avó, mas a minha mãe resolveu anuir. Fê-lo apenas com um gesto de cabeça e com uma expressão do rosto que o deixou fora de si. Uma expressão do rosto que queria dizer exactamente o contrário do gesto da cabeça... O resto, bem, foi o que se esperava.

— Pois se não te lembras o problema é teu! Sempre fui republicano, sempre acreditei na República e a partir de hoje ninguém mais nesta casa abrirá a boca para dizer o contrário! Aqui só se falará de República! Abaixo a talassaria!

E, com o mesmo alvoroço com que entrara, virou-nos as costas e saiu, batendo com a porta. A minha mãe agarrou no alguidar e retirou-se

para a cozinha, deitando-me um último olhar que não percebi se queria dizer *a culpa é da República, a culpa é do vinho ou a culpa é tua*.

Fiquei uns momentos olhando a porta da cozinha a fechar-se e vieram-me à memória às palavras da D. Emília, a parteira que me trouxe ao mundo. Que eu estava destinado a ser uma grande figura — da política ou das artes, isso não sabia ao certo, mas que iria ser grande como os maiores cá do reino.

O reino acabara nesse dia. Vinha aí a *minha República*...

...

Sim, é certo que nunca me interessei por política. Nunca senti necessidade de discutir com os outros a melhor forma de governar um país. Serei provavelmente louco, pois é evidente que o governo de um país deveria interessar a todos os que nele vivem e trabalham. Tal como a dona de casa deve saber governar a sua casa e o patrão deve saber governar a sua empresa, os governantes deveriam saber governar o seu país. E todos nos devíamos interessar por isso, porque o nosso país é a nossa casa, a nossa empresa.

Eu, não. Habituei-me a ver os políticos pelos olhos do meu pai, que os considerava *macacos em busca de galho*. Ou *aldrabões em nome da verdade*. Ainda não sabia eu juntar as letras e já tinha aprendido que *a política é uma porca*, que só vai para político quem não sabe fazer nada e pensa que sabe fazer tudo. Por isso, falar de política era proibido naquela casa. Tal como falar de todas as outras coisas. Em minha casa ninguém falava, os meus pais limitavam-se a dizer um ao outro aquilo que nenhum deles queria ouvir, quase sempre aos gritos.

E resultou desta constatação a minha surpresa, a minha enorme surpresa, perante o que se passou no quatro de Outubro e nos tempos que se seguiram. O meu pai, uma pessoa calma e respeitada, a quem toda a gente pedia conselhos, uma pessoa conhecida pelo dom da palavra e pelo rigor das ideias, tornou-se de repente um político. Ainda o rei não tinha marchado para a Ericeira e já o meu pai aparecia a defender a República como se a República fosse o seu sonho mais querido. De um dia para o outro.

A dura realidade, por muito que me custe a admitir, é que o meu pai se tornou um *adesivo*. Não como os outros adesivos que inundaram a cidade de um momento para o outro, esquecendo a sua paixão monárquica e tornando-se republicanos. Para não perderem o estatuto de pessoas que estão na mó de cima, que estão do lado do poder. Sinal de inteligência, portanto. O Carlos Palito costumava dizer que um *adesivo* é uma pessoa que percebe antes das outras de que lado é que sopra o vento, e que ninguém pode ser condenado por isso. Os tempos mudam, as pessoas também, nin-

guém pode ser criticado por mudar de rumo, dizia ele, mas a verdade é que muito pouca gente acha graça a essas mudanças. É como se tivéssemos que ficar agarrados a uma ideia para o resto das nossas vidas, com receio de que o mundo se vire do avesso com a nossa própria mudança. Ou que nunca mais se consiga olhar de frente aqueles que não mudam. O Carlos Palito tinha toda a razão.

O meu pai não era um *adesivo* desses, pois nunca mostrara qualquer tendência nem para um lado nem para o outro. O meu pai era um homem que nasceu republicano para a política. Seguramente uma raridade. Até ao dia quatro de Outubro, nada de política. A partir daquele dia, república sem limites. Até ao dia quatro de Outubro, os políticos eram *macacos, aldrabões, vigaristas* e tudo o mais que se lembrava de lhes chamar. A partir desse dia, a pátria estava perdida sem os republicanos.

A última vez que o ouvira falar de política tinha sido durante a triste história do duelo, alguns anos atrás. Nunca cheguei a saber o que realmente aconteceu. Houve quem me dissesse que foi por causa de umas terras que o meu pai comprara, lá junto à velha horta de Mata-Mouros. Só sei que ele se meteu a duelo com o D. Raimundo de Menezes, aquele pançudo que morava ao fim da rua, e que chegou a casa a sangrar de um braço. Uma imagem que me ficou gravada na memória: o seu cabelo no ar, a camisa rasgada e ensopada de sangue, os olhos esbugalhados, a saliva a escorrer-lhe pelo canto da boca... E a gritar para cima dos monárquicos todos os palavões que conhecia: *porcos imundos, cães raivosos, adiantadores* e outras coisas que não percebi.

Ao vê-lo naquele estado, a minha mãe começou por se benzer, mas depressa caiu em si e tratou de pedir explicações. Fecharam-se os dois no quarto e discutiram mais de uma hora. Até que o meu pai abriu a porta, berrou qualquer coisa que não consegui entender e estendeu-se ao comprimento na sua poltrona, que para sempre ficou manchada de vermelho escuro. A minha mãe chorou até se fartar, como de costume.

Só voltaram a falar um com o outro ao fim de quase duas semanas, e então as coisas recompuseram-se. Iria passar-se muito tempo até que alguém tornasse a pronunciar as palavras *republicano* ou *monárquico* naquela casa. De duelos, então, nunca mais se falou.

Quando alguém o queria ver bravo era falar-lhe de política. O Januário da Farmácia dizia-lhe que a política era a profissão mais nobre do mundo, o meu pai respondia-lhe que ele se pusesse a vender política em vez de remédios, a ver a sorte que tinha. O João Aldrabão dizia-lhe que um país não se governa sem o sacrifício dos políticos, o meu pai respondia-lhe que os políticos que conhecia eram ricos e gordos, ao contrário das outras pessoas, que eram magras e pobres, pelo que não entendia que sacrifícios

seriam esses. O Chico Cebola dizia-lhe que um homem sem política era como uma mulher sem filhos, o meu pai perdeu as estribeiras e deu-lhe um murro no olho. E foi a última vez que alguém falou com ele sobre política. Até ao dia quatro de Outubro.

Adesivos foi o que mais tivemos naqueles primeiros dias, verdade seja dita. A tal ponto que fiquei convencido que um misto de estupidez e de loucura tinha tomado conta da nossa cidade. Os sinais dos novos tempos anunciou-os o meu pai logo na própria noite da revolução, não por ter tornado a aparecer em casa embriagado e aos gritos, como acontecera de tarde, mas porque nem sequer apareceu em casa. O meu pai desapareceu depois da gritaria e só voltou depois da vitória republicana.

Uma noite para esquecer, aquela, e que por isso nunca mais esqueci. Os gritos e os tiros que soavam de tempos a tempos, as correrias pela rua, eu e a minha mãe trancados em casa à espera do meu pai. ...”Enfia-te no quarto e não saias de lá. E vê se a janela está bem fechada, que isto de fuzilaria nunca se sabe. Ai, meu bom Jesus, que aquele homem se foi meter em apertos!” E vá de se agarrar ao terço salvador. . .

Sempre que passava gente a correr lá pela rua, eu assomava pelo canto da janela. À cautela, por causa da *fuzilaria*. A rua, apesar de mal iluminada, deixava perceber que muitas pessoas andavam armadas, com as armas em punho, preparadas para disparar sobre quem lhes aparecesse pela frente. “Qual República, qual carapuça! Isto é mas é a guerra!”, pensava eu. E imaginava as ruas pejudadas de cadáveres ensanguentados, amontoados uns sobre os outros, o sangue escorrendo desde o castelo até ao rio. Cada tiro que ouvia era mais um que tinha marchado. Apesar da janela estar bem fechada, era capaz de jurar que um cheiro a pólvora queimada ia alastrando pelo quarto como uma nuvem de gás de mostarda. Tal e qual como num ataque dos *boches*.

Nessa altura apercebi-me que um dos cadáveres poderia ser o do meu pai. E quando dei por mim estava a chorar. A chorar baixinho, muito baixinho, para que a minha mãe não ouvisse. Mas vá de dizer a mim próprio que não podia ser, que o meu pai nem sequer tinha levado a caçadeira. Haveria de meter-se na guerra sem caçadeira? Só se estivesse doido.

Passei o resto da noite estendido na cama, com os olhos ora fechados, ora pregados no tecto, sempre sob o olhar severo do meu avô Ezequiel. O luar que passava por uma greta do caixilho da janela incidia exactamente sobre o retrato, fazendo realçar ainda mais os seus bigodes retorcidos, as suas fartas suíças e aqueles seus olhos penetrantes que costumavam perseguir todos os meus movimentos. Senti vontade de tirar o retrato da parede, de uma vez por todas, mas faltou-me a coragem. O avô Ezequiel continuava a ser mais forte do que eu, apesar de morto.